



A RELAÇÃO: SAÚDE MENTAL E LOUCURA DO TRABALHO POR DEJOURS¹

THE RELATIONSHIP: MENTAL HEALTH AND WORK MADNESS BY DEJOURS

Vanessa Taís Müller Andreolla²

¹ Trabalho de pesquisa da disciplina de Gestão Organizacional e Subjetividade, desenvolvido no curso de Psicologia da Unijuí

² Aluna do curso de Psicologia, UNIJUI -Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, RS, Brasil. vanessa.andreolla@sou.unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O tema discutido nesse artigo, diz respeito ao homem no afrontamento de sua tarefa, o trabalho que põe em perigo a sua saúde mental. Articulando o tema com o livro A Loucura do Trabalho, do autor Dejours (1949), destacando aquilo que é da ordem do negligenciado no setor das organizações, apontando as psicopatologias do trabalho. O objetivo deste trabalho é descrever sobre as questões que se desenrolam ao abordar a história da saúde dos trabalhadores, com o desenvolvimento das lutas e das reivindicações operárias e a relação saúde mental e trabalho no ambiente organizacional.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no componente curricular de Gestão Organizacional e Subjetividade, no primeiro semestre de 2022. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica através de um livro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos apresentam facilidades muito maiores em falar sobre o seu sofrimento e doenças, do que dialogar sobre saúde. A infelicidade sempre toma partido e surge antes da satisfação. O livro em questão aponta aquilo que é negligenciado no trabalho, sobre o



afrontamento do homem com a sua tarefa, e o que põe em perigo a sua vida mental. Ao destacar as psicopatologias do trabalho, ressalta a lentidão no desenvolvimento do seu espaço teórico, atribuído primeiramente à imaturidade da Psicologia e seus afins. É sobre a especificidade da vivência operária que se busca a atenção, e não sendo esta uma especificidade com um denominador comum a todas as situações de trabalho, mas enaltecendo as mais diversas experiências e situações.

Conforme Dejours (1949) ao deixar de lado todos os aspectos quantitativos e estatísticos, observações objetivas e questionários, bem como padrões de comportamento e falhas, abre-se o leque para um novo olhar nesse cenário. Adentram-se aos quesitos da própria vida mental, abordando as emoções, os sonhos os fantasmas, o amor, a angústia, a raiva, a frustração, todos esses elementos que escapam da visão objetiva e padronizada, para uma visão dinâmica em relação às vivências no ambiente de trabalho. Nesse sentido, o contexto da saúde dos trabalhadores, possui sua base constituída a partir dos fenômenos de ordem histórica, nos movimentos operários, das relações de forças entre os trabalhadores com padrões e o Estado, associando o desenvolvimento das condições de vida no trabalho as evoluções das reivindicações operárias, na reconstrução da história referente à luta pela saúde.

O período do desenvolvimento do capitalismo caracteriza-se pelo aumento da produção e o crescimento da população urbana. Salienta-se aqui o descaso com a saúde do trabalhador em todos os âmbitos, bem como as jornadas excessivas, a empregabilidade infantil, o valor extremamente baixo dos salários, entre outros fatores. A sobrevivência das famílias é colocada em perigo perante essas condições, a promiscuidade torna-se naturalizada, enaltecendo a falta de higiene e de alimentação, os acidentes no trabalho, o esgotamento físico, originam condições de uma alta taxa de mortalidade, excluindo todo e qualquer bem-estar, a saúde em relação aos operários nesse período é definida a partir da subsistência, assegurar a própria sobrevivência.

O Estado é convocado a intervir frente à amplitude do movimento de organização da classe operária, assumindo uma posição estratégica (DEJOURS, 1949). Pois, se anteriormente o padrão solucionava e reprimia as reivindicações operárias com total auxílio do Estado, frente a novas forças da organização de trabalhadores toma novos poderes, e o desenvolvimento referente aos seus movimentos. O gradativo crescimento das greves reflete ao Estado um



chamado para posicionar-se de outra forma, na arbitrariedade. As concentrações operárias emergentes das novas relações sociais permitem ao Estado sua autonomia. Nessa perspectiva, os movimentos políticos conferem às reivindicações trabalhistas uma dimensão significativa.

Nesse período histórico, concentram-se dois objetivos de luta operária: o direito à vida, na luta pela sobrevivência, e a constituição dos instrumentos necessários para o trabalhador exercer a liberdade de organização. Ao adquirir bases sólidas e uma força política dentro das relações de força, o movimento operário conquistou o direito primordial de viver. Em busca de melhorias significativas para o âmbito do trabalho, os operários se lançam às tentativas de obter uma qualidade maior na relação entre saúde-trabalhador, na perspectiva de unificar esses direitos e atender a todo o conjunto de trabalhadores. A ligação da causa e efeito entre a luta operária e a lei social se encontra no desenvolvimento do movimento operário a nível nacional, e na convocação do papel do Estado como interlocutor nesse cenário.

A relação saúde-trabalho dentro dos processos das organizações em referência a luta pela saúde e a melhoria das condições de trabalho, suscitam um novo elemento nesse contexto, a saúde mental, segundo Dejours (1949). Apresentando as psicopatologias do trabalho e o sofrimento psíquico, na procura constante por uma humanização no ambiente em que se encontram os trabalhadores, o terreno organizacional. A reestruturação dessa área origina novas discussões sobre o objetivo do trabalho, as relações estabelecidas entre o homem e a tarefa, e acrescenta a dimensão mental nesse aspecto. À vontade e o desejo dos trabalhadores se confrontam aos comandos do patrão, concretizados pela organização do trabalho, aqui nasce o trabalho da psicologia organizacional em desalojar o sofrimento no que ele tem de empobrecedor, em que ele anula o sujeito, a sua autonomia e os seus desejos, no entendimento daquilo que não é dito, da demanda latente.

Capítulo 6: “A organização do trabalho e a doença”- Dejours (1949)

O trabalho da psicologia nas organizações acolhe e busca interpretar, no sentido de revelar um sofrimento não reconhecido, originado pela organização de trabalho. O texto nessa perspectiva aborda o funcionamento dos diversos sistemas de defesa posicionados em prática



para conter essa interpretação é possível revelação. Ao apresentar o termo descompensação, o autor relata que o mesmo é parte dos sistemas defensivos, que impedem o sofrimento no trabalho de se transformar em uma patologia. Caracterizam-se por uma queda no desempenho produtivo, denunciadas pelos critérios de rendimento na produção, ao diminuir a pressão organizacional desaparece essa manifestação de sofrimento.

A doença mental: Levam-se em conta três elementos para o surgimento das descompensações na relação homem-organização do trabalho, em primeiro a fadiga que acaba causando o esgotamento, em segundo a frustração, tornando a agressividade mais reativa, e a organização do trabalho com uma corrente de vontade externa que se opõe às pulsões e as sublimações de cada sujeito. Avaliar as historicidades psicoafetivas que se apresentam é essencial na investigação psicossomática, o sentido e o significado das síndromes não podem ser desvelados sem levar em consideração a natureza das condições e da organização do trabalho.

A doença somática: A desorganização do sujeito no trabalho configura-se um efeito principal da neutralização das defesas mentais, desencadeando nas doenças somáticas, ou seja, aparecem, sobretudo, nos sujeitos que denotam uma ineficácia na estrutura mental pelas defesas, não sucumbem a sintomas mentais, mas aparecem as doenças somáticas. A organização do trabalho à vista disso a organização do trabalho pode comprometer o equilíbrio psicossomático, pois a rigidez e a imposição tornam-se um obstáculo à livre estruturação da tarefa e agravam a fragilização somática. Portanto a livre organização do trabalho é considerada um fator primordial no equilíbrio psicossomático e de satisfação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso compreender que as resistências individuais ao prazer acompanham resistências coletivas, ou seja, no centro se encontram as ideologias coletivas da profissão. A relação saúde mental e trabalho, destacada no texto, só pode ser desenvolvida a partir do duplo movimento de transformação, em referência à organização do trabalho, bem como na ruptura dos sistemas defensivos. Essa relação da organização de trabalho, assim como a liberdade, citadas pelo autor (DEJOURS, 1949) deve ser conquistada, e aqui se faz o



questionamento a que tipo de sujeitos à sociedade produz através da organização do trabalho. E assim conclui, ressaltando a importância de encontrar soluções que permitam romper e finalizar para com a desestruturação dos sujeitos pelo trabalho, e não recriar novos deles.

Palavras-chave: Saúde Mental. Trabalho. Organização. Psicopatologias.

Keywords: Mental Health. Work. Organization. Psychopathologies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEJOURS, C. (1949). **A loucura do trabalho:** Estudo de psicopatologia do trabalho. 5a ed. ampliada. São Paulo: Editora Cortez – Oboré, 1992.